

DOI: 10.2436/20.8070.01.22

“Cada um no seu quadrado”: evidências de segregação socioespacial (turistas e residentes) nas práticas litorâneas de lazer no destino Natal – RN

22

Michel Jairo Vieira da Silva

Professor do curso de Turismo da Universidade Federal do Rio Grande do Norte ,Brasil.

Doutorando do em Turismo, Universidade Federal do Rio Grande do Norte ,Brasil.

E-mail: micheljvs@hotmail.com

Resumo

Toda e qualquer sociedade manifesta em pequena ou grande escala relações de segregação e estranhamento, onde pessoas de alguma forma não são ou não se sentem parte ou bem vindas em algum lugar - não encaixando-se no mapa cognitivo, moral ou estético. A partir dessa compreensão é que esta pesquisa se desenvolve, discursando sobre a segregação socioespacial cidadina a partir das práticas de lazer e turismo, com destaque para as realizadas nas praias urbanas de Natal. Abordando a perspectiva de turistas e residentes, o artigo busca fazer uma reflexão acerca das condições de acesso a lazer litorâneo no destino, reconhecendo a dessemelhança entre a cidade de Natal e “*Cidade do Sol*”, a partir de vídeos produzidos por residentes e turistas. Faz-se aqui uma análise comparativa de conteúdo entre as realidades desses dois sujeitos, destacando um *apartheid* – muro invisível que separa o lazer turístico (estruturado e distanciado) na sombra confortável dos investimentos privados e públicos, das escaldantes areias das classes populares (excluídas), com seu *habitus* (Bourdieu) peculiares – com elementos culturais destacáveis, porém invisíveis ao olhar turístico, evidenciando a coexistência de duas realidades díspares, reflexo de modelo recorrente de administração dos destinos litorâneos brasileiros.

Palavras-chave: Turismo. Lazer. Segregação. Natal-RN.

1. Cidade do Sol ou Natal dos potiguares? - o lazer e suas barreiras

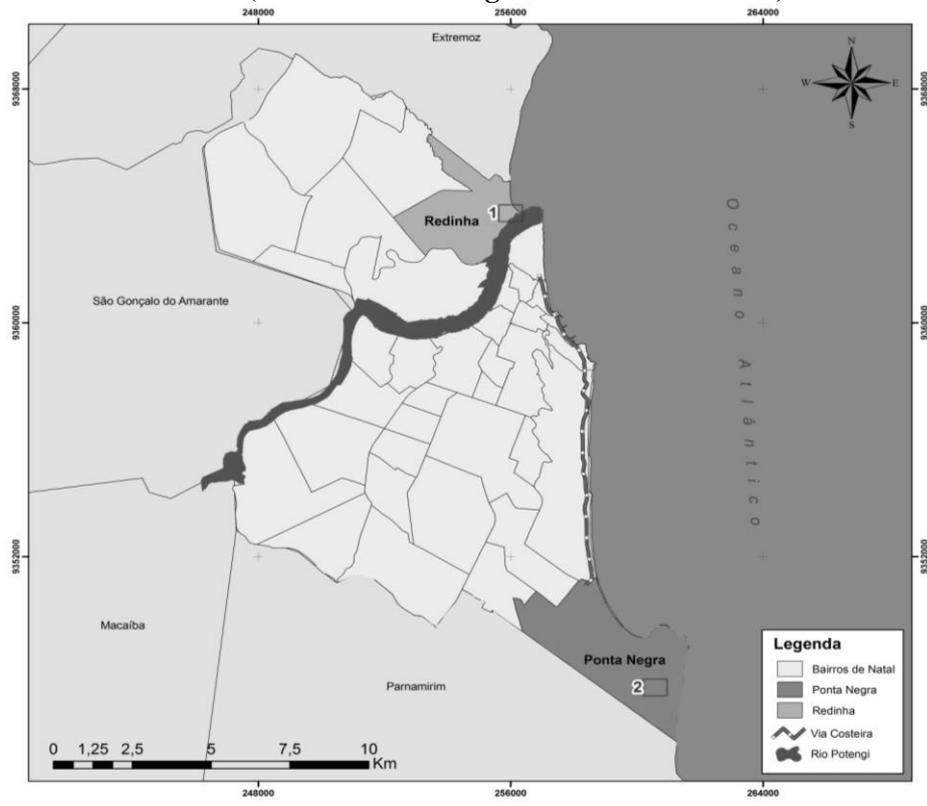
Nesse contexto, ressalta-se a valorização do espaço litorâneo do Nordeste brasileiro (inclui a cidade de Natal), que, a partir dos anos 1990, começou a atrair investimentos internacionais motivados por políticas públicas de turismo implementadas na região. (FERREIRA; SILVA; FONSECA, 2009, p. 117).

Nas regras da hospitalidade – seja na vida pública ou privada - oferecer aos convidados o melhor possível durante sua estada é prioridade. Estamos falando aqui do princípio do bem receber. Tal prática orienta as decisões de qualquer bom anfitrião, todavia contempla também as políticas da gestão pública e privada de destinos turísticos em todo o mundo. Arrumar a casa - ordenar o destino, destacando seus principais elementos paisagísticos, otimizando, assim, o acesso e permanência nas mais belas praias, e o desfrute dos mais confortáveis serviços de alimentação e hospedagem, é a fórmula simples de apresentar ao turismo o melhor que o destino “*Cidade do Sol*” (Natal-RN) tem a oferecer.

Entretanto, tal receita - que vem normalmente acompanhada de um discurso atrelando o turismo ao aumento do emprego e renda – pode em muitos casos resultar em um prato amargo. O que se vê é em muitos casos é a exclusão social do residente, a sua desapropriação física ou simbólica dos espaços (principalmente públicos de lazer) em favor da força econômica e política do fenômeno turístico. Muitas são as cidades em que é facilmente identificado o sítio de *espaços de lazer turístico* e *espaços de lazer dos residentes*.

Para dar voz a esse tipo de problemática, a pesquisa analisou um reduto de lazer popular bastante frequentado por moradores e completamente dissociado da prática turística: a Praia da Redinha - a 16 km da principal região turística da cidade de Natal (o bairro de Ponta Negra e entorno – Mapa 01). Essa praia, já de início, se apresenta em realidade diferenciada, que suscita discussão sobre segregação socioespacial, planejamento do urbano, do lazer e do turismo, enfrentamento de conflitos sociais - silenciosos muitas vezes - no seio da cidade (CLEMENTINO, 2002).

Mapa 1 - Extremos Sociais e Geográficos - Hábitos de Lazer em Natal/ RN (Praia de Ponta Negra e Praia da Redinha)



Fonte: SILVA, M., 2011.

Sendo assim, torna-se relevante estudar o turismo e a ação transformadora, que costuma fazer aflorar inúmeras benesses nos destinos em que se instala. Todavia – não é possível deixar de identificar diversos casos em que esta atividade acentua as diferenças, estabelece relações de afastamento, estranhamento, desvalorização da cultura local e de desapropriação de espaços antes de residentes.

Mas seria o turismo o vilão dessa realidade de segregação? Uma parte da resposta já pode ser dada de antemão: o que promove esse “*cada um no seu quadrado*” não é, propriamente, o fenômeno turístico, e sim o modelo de planejamento público (independente, muitas vezes, da referida atividade). Este que tem a função de nortear as ações, priorizando a igualdade de acesso a bens e serviços - o que inclui espaços públicos e valorização de práticas culturais e de lazer locais e não permitir que a lógica do capital reja sem rédeas a dinâmica social, onde

os indivíduos entram em competição para ocupar os melhores lugares, e as pessoas – os grupos – mais fortes conseguem atribuir-se os lugares privilegiados. [...] Resultando disso a segregação socioespacial dos grupos sociais, que são distribuídos em lugares mais ou menos distintos [...] Para resumir, numa sociedade hierarquizada, há, obrigatoriamente, marcas visíveis de pertencimento a uma categoria social. (GUIRRIEC, 2008, p. 31)

2. O “piscinão” da Redinha versus o “calçadão” de Ponta Negra

Os elementos que estão envolvidos nessa ‘abstração’ da cidade, os discursos, símbolos, (...) são elementos através dos quais o indivíduo empresta sentido à experiência de viver o urbano e, por isso mesmo, devem de ser considerados. (COSTA, 2005)

As paisagens – fragmentos/ recortes da experiência do urbano - cada vez mais mistas e complexas, representam a “*abstração*”, o entendimento do sujeito sobre o vivido. Entendimento este que se encontra nas entrelinhas do discurso, do símbolo, da imagem, do conteúdo, no caso, midiático, sobre Natal-RN. Voltando-se para o que está além da tela dos vídeos de registro e documentais, na perspectiva do residente e do visitante, este artigo objetiva expressar um esforço de compreensão de segregação socioespacial, revelando um traço importante da separação entre turistas e residentes no destino Natal, resultado de uma das facetas do turismo- atividade que, em diversas situações, interfere e modifica:

percepções dos outros e dos lugares cotidianos, nos valores e nos (...) padrões culturais que vão desde a gastronomia até aqueles que ajudam a fixar estereótipos, delimitar papéis, determinar *status* e, com isso, estabelecer níveis de relação com nossos iguais e não tão iguais. (SANTANA, 2009, p. 66)

A discussão sobre o que separa e distingue a experiência turística, do cotidiano local, principalmente da classe popular, é a de evidenciar a existência de uma “*pseudo*” Natal: elitizada, padronizada internacionalmente, sem contrastes, sem o “*povão*” descapitalizado e com comportamento (*habitus* - Bourdieu, 2004) distinto do visitante. Este normalmente psicocêntrico, voltado para a segurança e a hierarquia social e também para uma certa reprodução de sua vida cotidiana do seu entorno habitual. O- conceito teórico de *habitus* é apresentado como sistema de disposições. É um fundamento objetivo de condutas regulares. Sendo possível prever as práticas, fazendo com que as pessoas de determinado grupo

comportem-se de uma determinada maneira em determinadas circunstâncias. (BOURDIEU, 2004).

Assim, estudar as práticas de lazer aqui representadas principalmente pelas vividas nas areias das praias “*coincidentemente*” mais extremas da cidade de Natal (Praia de Ponta Negra e Praia da Redinha) é, antes mesmo de esmiuçar as evidências, deparar-se com duas áreas frequentadas por públicos diferentes: o turista nacional e o estrangeiro, que fica às sombras das caras e espaçosas espreguiçadeiras de Ponta Negra, e o residente que se *esconde* sob o agitado, apertado e democrático guarda-sol da Redinha.

Exemplificar símbolos dessa segregação presentes no cenário litorâneo da cidade aponta para uma série de indícios que serão descritos através da comparação de vídeos de registro recentes de viagens feitas ao destino *Natal*, e com o referido documentário local de 2007, em que tanto aqueles quanto este – semelhantemente ao que pensa Bourdieu – mostram as maneiras de se comportar, de consumir e de se dispor na sociedade, a que lado/parte da cidade/sociedade a que pertence e onde deve permanecer (para não se destacar como estranho em outros grupos/espços).

Todas as sociedades produzem estranhos (...) eles obscurecem e tornam tênues as linhas de fronteira que devem ser claramente vistas (BAUMAN, 1998, p. 27). O movimento de segregação e estranheza social se dá no seio da cidade em diversas dimensões: rico-pobre, seguro-perigoso, centro-periferia, e também pode ser compreendido como espaço turístico e não-turístico. Assim, destaca-se a edificação dessa fronteira última em Natal, que resulta em pouco contato do turista com o residente; redutos públicos quase que “*exclusivos*” para práticas de lazer (caros e de difícil acesso) em áreas turísticas, acentuando o pouco envolvimento com a cultura local.

Os filmes turísticos aqui serão comparados com o documentário *Redinha Arredia* (2007), obra do cineasta Carlos Tourinho, que conta com a participação dos alunos da Oficina de Cinema e Vídeo do ITEC (Instituto Técnico de Estudos Cinematográficos), e o apoio da Fundação José Augusto. Exibido no mesmo ano no *IV Festival de Vídeo Potiguar* (evento que compõe e antecede o *Festival de Cinema de Natal*), o filme oferece uma nítida imagem dos moradores e banhistas da Praia da Redinha, apresentando segundo França (2002, p. 61) “referências e representações imaginadas deste cinema, como forma de abrir à experiência daquilo que se pensa sobre a realidade” dos sujeitos dessa praia, que foram elencados referentemente a uma pesquisa dos discentes do Curso de Cinema.

A partir da forma de como se consome o espaço (tanto nos *posts* como no documentário), é que esse artigo colhe os elementos para normatizar a *diferença* dentro da própria cidade de Natal, e identificar quem vive ou visita a Redinha como pertencente à classe social menos favorecida. Pode-se ali distinguir facilmente o distanciamento do turista em relação ao “*povão*” em suas horas de lazer, nas práticas alimentares, dentre os variados aspectos percebidos no outro extremo costeiro da cidade (os turistas que se hospedam no entorno da praia turística de Ponta Negra).

Neste momento o conceito de *habitus* se instaura, revelando o cotidiano de uma camada dos residentes: seu modo de vida pesqueiro, sua religiosidade, seu lazer dominical e as festividades (LARAIA, 2008) comuns à população da praia certamente mais popular da cidade de Natal. Tal abordagem – formas de se postar sobre o espaço - remete ao entendimento trifásico de Bourdieu (2004, p. 257) de que o *habitus* - as disposições do indivíduo - está diretamente ligado ao seu passado enquanto pertencente a um grupo social, à reprodução de elementos desse passado no presente, e à sua influência precisa no “*porvir*”, bem como à ordem hierárquica que envolve a dinâmica social de *pureza* (segregação – cada um em seu lugar).

O passado, presente e futuro dos transeuntes dessa praia se manifestam inicialmente

em uma única tomada – ou pelo menos ao que ela representa. O poeta potiguar Plínio Sanderson – nativo da Praia da Redinha, recita poema próprio nos primeiros minutos da película, caminhando ele sobre o trapiche, apontando imagem panorâmica da costa, e rememorando a rotina dos habitantes e dos banhistas da referida praia em versos que dialogam com registros fotográficos da história e cultura do seu povo. Segue abaixo o poema que dá nome ao filme Redinha Arredia e que sintetiza as cenas iniciais:

Entre gamboas, a tessitura de caranguejos, Cavalos marinhos grávidos...
Entre gamboas, antes e depois do maruim, o cemitério dos ingleses,
fantasmas da memória...
Sou outrora piqueniques, serestas, ao labor dos alísios. Desmalhadas e
algazarras, de veraneios, alpendres, cachaça...
Praia sombreada de cajuais. Ondas encrespadas em águas ardentes. Toca do
rei, pé do gavião, na festa do caju...
A cerca do clube de pedra incrustada traquinamente. Mercado, meiotá, ginga
com tapioca...
Quermesse, chegada, nau catarineta. Roda gigante, procissão na festa da
padroeira dos navegantes...
João bolão, bufão inveterado. Os cão chupando manga no mangue.

De maneira objetiva, o poema vai dar voz a elementos importantes da sociabilidade e da cultura popular, evidenciadas nas “atividades banais e renovadas (...) multiformes” (CERTEAU, 1980, citado em CUCHE, 1999, p. 150), bem como no imaginário do cotidiano da praia em foco. E, para dar de fato início a esta pesquisa comparativa entre esse vídeo com os vídeos turísticos, serão utilizados os Atributos de Imagens Aplicadas aos Diferentes Atores do Destino (SANTANA, 2009, p. 141), sendo os itens selecionados e apresentados no Quadro a seguir relevantes para a compreensão das atividades de lazer e experiências culturais.

Quadro 1 – Atributos de Imagem de Destino Turístico

(analisadas comparativamente entre Região Turística e Praia da Redinha)

| ATRIBUTOS |
|---|
| Variáveis de Qualidade de Experiência: |
| Restauração/ Oferta alimentar |
| Hospitalidade |
| Variáveis de Atrativos/ Atividades: |
| Atividades de Lazer/ Atividades Marítimas |
| Atividades Culturais/ Aspectos Históricos |

Dentre as variáveis que atendem à categoria *Qualidade de Experiência*, podem-se destacar os itens:

2.1. Menu ou “tira-gosto”? - Restauração/ Oferta Alimentar

Comparar o *lay out* dos espaços, o cardápio e a qualidade dos serviços de A&B oferecidos na Praia da Redinha e na Praia de Ponta Negra e nos demais espaços litorâneos frequentados por visitantes é entender que, em tudo, há distinção entre turistas e populares locais.

Em áreas turísticas, observa-se uma grande variedade de restaurantes (diversidade também de cardápios de estilo regional e internacional, além de profissionais muitas vezes com boa qualificação), amplas áreas de estacionamento privativo e público, excelente infraestrutura de alimentação (Figuras 1) e lazer (*play-ground*, piscina), além de paisagem privilegiada, salões climatizados e áreas espaçosas para uma fácil e tranquila circulação, com acesso, inclusive, para portadores de necessidades especiais, entre outros aspectos que agregam valor.

O cenário de consumo cheio de referências de requinte e sofisticação, quando comparado com a grande maioria das áreas de lazer popular de Natal (não apenas litorâneas), apresenta a concretude das diferenças e da separação, seja no gosto, seja na disposição financeira, ou no acesso a espaços de alimentação/socialização. Quanto a isto, concordam Valença e Bonates (2008, p. 442), ao dizerem que “refletem o alto poder aquisitivo – no caso, os estrangeiros, os investidores de todo o país, particularmente os de São Paulo, e as elites locais. Isso faz com que o bairro de Ponta Negra – tenha se tornado ilha, inacessível até mesmo para as classes médias”.

A discrepância na Praia da Redinha é facilmente percebida, pois ali é onde se encontra um aglomerado de pessoas e veículos dos mais diversos tipos (carros, *vans*, ônibus, e motocicletas) em uma estreita faixa de areia com poucas opções de estacionamento público e privado, sem áreas de escoamento de trânsito e com sérios problemas infraestruturais, como é o caso do principal centro de oferta alimentar da praia referida: o Mercado da Redinha.

O antigo Mercado, que está junto ao de peixe fresco, apresenta irregularidade nas condições sanitárias (manipulação de alimentos – população local com deficiência de qualificação para atender clientes e produzir alimentos, quiosques com paredes e teto deteriorados, problemas sanitários visíveis, além de um espaço bastante reduzido – Figura 2) para atender à demanda de banhistas, principalmente nos finais de semana.

Apesar da concentração dos frequentadores dentro e no seu entorno, atualmente pode-se contar ainda com mais algumas barracas e quiosques que vieram com a urbanização pública de parte da praia (calçadão, trapiche e algumas áreas de estacionamento público), possibilitando o serviço de A&B mais adequado, acrescido da facilitação de acesso à praia que foi melhor viabilizado com a inauguração da Ponte Newton Navarro em novembro de 2007. Apesar disso, o público que frequenta a praia ainda tem origem normalmente apenas de bairros mais populares da cidade – não sendo a região sistematicamente turística.

Figura 1 - Restaurante de Cozinha Internacional



Fonte: Vídeo *Natal-RN*, 2009.

Acima identifica-se um restaurante com arquitetura e cardápio modernos, além de vista para o mar. A medida que abaixo encontra-se as condições simples e presença de populares no mercado popular da praia da Redinha.

Figura 2 – Interior do Mercado da Redinha



Fonte: Documentário Redinha Arredia, 2007.

Apesar de apresentar condição deficitária na qualidade dos serviços e na infraestrutura (condição que também pode vir a representar um atrativo para locais e possivelmente uma classe específica de turista – interessados na simplicidade, no rústico e buscando contato com o autóctone), é neste mesmo Mercado que se pode apreciar um prato típico local (tira gosto – alimento rápido que acompanha a bebida), e que normalmente só é oferecido na Praia da Redinha: *Ginga com Tapioca*.

Tal elemento gastronômico - autêntico da cultura natalense e representante da expressão pesqueira do homem com o Rio Potengi e o mar-de-certo deveria estar nos *menus* dos restaurantes turísticos da cidade, ou, pelo menos, na programação gastronômica das agências de receptivos e afins que contemplariam a visita ao local. Entretanto, esses atores acabam por priorizar restaurantes com cardápios mais elaborados e, muitas vezes, com forte influência da cozinha internacional. Assim, o prato da Redinha termina por ficar limitado à apreciação apenas dos moradores e dos banhistas que lá frequentam e que, ao chegarem ao mercado em foco, revivem a experiência cultural do homem simples, do consumo do “*piscinão*” (Carlos Tourinho em entrevista, 19/02/2011), do popular, da música alta, da mistura, da cerveja, da emblemática ginga com tapioca.

A partir do depoimento de filha dos autores desse prato simples, parte do documentário Redinha Arredia referencia o traço cultural e histórico do local, que, em nenhum dos vídeos turísticos sobre Natal é contemplado. O depoimento da moradora, hoje já falecida, apresenta não apenas o aspecto humilde da comunidade que vive na praia, mas a peculiar história por ela contada: a origem do prato.

- Quando os homens iam pro mar só pegavam peixe grande. Quando foi um dia, eles deram um lance... quando veio tinha muita ginga, muita ginga mesmo. Aí eles disseram: - Ninguém vai botar esses peixes no mato, a gente vai vender. Aí papai disse: - Eu vou tirar que eu vou inventar uma novidade com esse peixinho. Porque a ginga é pequena, você conhece, né? Aí, papai

tirou um cinco quilos, mandou tratar, tirar a cabeça. (...) Daí disse: - Dalila (sua esposa), vamos fritar... vamos enfiar num ponteiro de coqueiro, aí a gente bota dez... doze ginguinha e frita, aí faz a tapioca e coloca dentro. Ai chama de sanduíche marinheiro, papai inventou. (filha dos idealizadores do prato, depoente do documentário).

Enquanto tradição - “conjunto de práticas, normalmente reguladas por regras tácita ou abertamente aceitas” (HOBSBAWN, 1997, p. 9), o prato não apenas aparece na voz acima, mas também em outros trechos do vídeo, no momento em que é preparado e na hora em que é apreciado por moradores e visitantes do referido Mercado, que, assim como os demais bares da região, tem como “*tira-gosto*” principal a *Ginga com Tapioca*.

Esse prato, além de bastante apreciado, também pode ser entendido como elemento da vivência local que não “dialoga” com a superestrutura turística, a qual não divulga a especiaria do “outro lado do muro”, onde a imagem construída para a venda é marcada por uma política que, em vez de ser “conjunta e com participação (colaborativa) de todos (...) na configuração de tal imagem, na seleção de atributos, na conjunção de produtos em suas referências físicas e emocionais sobre a identidade do destino” (SANTANA, 2009, p. 101), ressalta um conjunto de iniciativas que tendem a supervalorizar atributos pontuais, reeditando tradições, importando elementos descontextualizados, numa pressuposição de que não considera relevante o contato com espaços como a Redinha, nem tampouco com pratos como *Ginga com Tapioca*.

2.2. Na contemplação ou no “*Calor humano*”- Hospitalidade

O objetivo é manter os enclaves extraterritoriais isolados do território contínuo da cidade; construir pequenas fortalezas no interior das quais os integrantes da elite global extraterritorial podem cuidar da própria independência física e do próprio isolamento espiritual, e tratar de cultivá-los e desfrutá-los. (BAUMAN, 2009, p. 43)

Quando se analisa este aspecto HOSPITALIDADE em cidades turísticas como Natal – destaca-se dimensões importantes como a “acessibilidade, a legibilidade e a identidade, intimamente relacionadas (...) que proporcionam a compreensão da cidade, seja para o habitante, seja para quem dela se aproxima. (GRINOVER, 2006, p. 30).

E levando em consideração essas condições de acesso, de compreensão e identificação e pertença nos lugares estudos, acrescidos da capacidade de bem receber, de atender e até mesmo superar as expectativas de quem visita as duas regiões – percebem-se evidências de que os dois grupos se sentem parte e bem recebidos nos espaços que “*escolheram*” para a prática de seu lazer. Escolha essa tomada na expectativa de ser bem recebido, alimentado, hospedado e entretido (CAMARGO, 2003).

Além de algumas expressões e depoimentos nos vídeos turísticos, o próprio Estudo de Demanda Turística da EMBRATUR (FIPE, 2012) coloca a hospitalidade do brasileiro, e do potiguar como um dos aspectos melhor avaliado por turistas. Assim como no espaço turístico, diversos são os relatos de banhistas da Praia da Redinha que se mostram extremamente satisfeitos com a sua experiência de lazer e apoderados do espaço que os identifica:

- Meu ponto turístico é esse. Redinha velha.
- É 10! 10! (uma senhora banhista e um vendedor de bronzeador, respectivamente depoentes do documentário).

Ainda trazendo para o conceito de *habitus*, esses sujeitos (turistas e residentes) se sentem parte do universo onde se inserem para a prática do ócio. Todavia, na mesma medida, também vale salientar que a hospitalidade no local a que “se pertence” parece não se dar quando se resolve ir para a praia onde se diverte o “outro”.

Ao se verificar que, em nenhum dos vídeos turísticos selecionados, foi detectada uma visita à Praia da Redinha, conclui-se que o turista normalmente não chega a conhecê-la (a praia mais popular de Natal), certamente desmotivado pela falta de apelo de agências e operadoras, que se dedicam a explorar o Litoral Norte a partir da Praia de Jenipabu – Extremoz (apenas o registro *Saindo de Natal_RN* cita a Redinha, mas não a apresenta imagetivamente). O motivo já foi dito – *crer* que o *habitus* do turista (tradicionalmente) que visita Natal não tem conexão – resultando na *mixofobia*: medo de se misturar, de lhe dar com o novo (FLUSTY, citado em BAUMAN, 2009) - com a praia popular e os seus (que também representam o pobre, a desestrutura, a “zorrra” – Figura 3).

Figura 3 – Pais e filhos na Praia da Redinha



Fonte: Documentário Redinha Arredia, 2007.

Quando se trata do residente, o problema, não está, na maioria das vezes, no desconhecimento, mas sim no sentimento de realmente *crer* não pertencer a Ponta Negra. Esta não atende aos interesses deles (e vice-versa), visto que, em tudo *é/está* diferente (ofertas, comportamentos, vestimentas, preços) do que se consome na praia do extremo norte. Os frequentadores da Praia da Redinha seriam, ao chegarem às areias de Ponta Negra,

uns estraga-prazeres meramente por estarem por perto, pois não lubrificam nada à prosperidade da economia transformada em indústria de turismo. São inúteis, no único sentido de “utilidade” em que se pode pensar numa sociedade de consumo ou de turistas. E por serem inúteis são também indesejáveis. (BAUMAN, 1999, p. 104)

Os residentes acabam por se manter distantes do território turístico, porque este é um espaço que concentra as estratégias para o capital sustentado pelo consumo do turista e da elite local. Essas ações de espetacularização e de êxtase turístico (evidência em todos os vídeos de registro), segundo Coriolano e Silva (2005), encontram nos residentes menos abastados atos de resistência (valorização da cultura própria e preservação dos hábitos de quem frequenta espaços populares) e também de *adaptação* (esse mesmo grupo que ao compreender a sua não disposição de consumo em áreas nobres, migra e/ou permanece nessas

áreas).

A partir do comentário de frequentadores durante o filme, o que se percebe é que uma parcela da população natalense (classe menos abastada) se sente pouco a vontade em Ponta Negra - praia publicizada em cartões postais e propagandas em todo o Mundo, mas que, com o passar dos anos, vem sendo cada vez menos inserida no cotidiano dos moradores da cidade.

- O povo diz que Ponta Negra é. Mas para mim é a Redinha. Porque Redinha é popular... (movimento de girar a mão ao entender que aceita todo mundo, e esfregando os dedos no sentido de econômico). (Eletricista)

- Eu acredito que hoje, queira o não, ainda seja o cartão postal de Natal. (operadora de caixa).

31

E, ainda, a partir das variáveis na categoria Atrações/ Atividades, destacam-se:

2.3. Lanchas para uns, terra firme para outros? - Atividades de lazer

Quanto mais liberdade de escolha se tem, mais alta a posição alcançada na hierarquia social pós-moderna. (BAUMAN, 1998, p. 118)

Unir atividades de lazer e atividades marítimas em uma única análise é entender que muitas das práticas de lazer vividas pelo turista se dão através de passeios que envolvem atividades também marítimas, como a visita a parrachos (arrecifes que formam piscinas naturais em alto-mar), passeios de *jet ski*, lancha ou jangada. E é basicamente esse tipo de atividade a mais comumente encontrada nos vídeos selecionados. A grande maioria das experiências turísticas aqui discutidas mostra que as atividades de lazer que não são realizadas no proveito das áreas (piscinas, quadras poliesportivas, *kidsclub*, etc.) e as recreativas (hidroginástica, caminhada, jogos) no próprio hotel, ocorrem a partir de passeios pelo litoral do estado, deixando a cidade de Natal e indo em direção aos parrachos de Maracajaú, ou os de Pirangi.

Nesse percurso – normalmente feito através de *buggies* ou ônibus de agências de receptivo - outros pontos podem ser visitados e atividades de lazer realizadas, tais como: passeios de *buggy* pelas dunas de Jenipabu (Extremoz) e parte do litoral, *ski bunda e aerobunda*, caiaque e pedalinho em várias lagoas (Jacumã, Pitanguí, Arituba, entre outras) e rios (Punaú e Catu), além de visitas a parques aquáticos, como o Manoa Parque (Maracajaú – Maxaranguape – Figura 4), e passeios em dromedários sob as dunas de Jenipabu. Todavia, mesmo com toda essa variedade, a atividade mais comumente percebida nos vídeos ainda é a mais contemplativa: o banho de sol e mar.

Figura 4 – Turista em parque aquático de Maracajaú (Maxaranguape)



Fonte: Vídeo Férias em Natal RN, 2013.

Qualquer das atividades de lazer desenvolvidas pelo turista convencional está em geral associada binômio sol & praia, como se percebe nos exemplos das diversas atividades anteriormente citadas. Entretanto, é ainda o simples sentar-se à beira-mar, bronzear-se, banhar-se e consumir aperitivos, a prática mais comum. E esta é, de certa forma, a única desenvolvida dentro da capital, nas areias da Praia de Ponta Negra. Areias estas que disputam turistas com as ofertas do extenso Litoral Norte e Sul (este último onde se localiza um dos principais destinos do estado, a Praia de Pipa – recorrente em vários vídeos).

“Um ‘litoral acolhedor’ moldou, conjuntamente com tal modelo de investimentos, a simbologia da *cidade do sol*: praias, sol intenso (...) tornaram-se um atrativo para visitantes nacionais e, principalmente, internacionais.” (FERREIRA, & SILVA, 2008, p. 459). Tal situação corrobora para uma certeza de que normalmente quando não está no hotel, nem em Ponta Negra (areia da praia, restaurantes, lojas de *souvenirs*), o turista estará fora de Natal em atividades de lazer no litoral, relegando o contato com qualquer atividade de lazer em outra área da cidade (exceto pela incipiente presença de visitantes na Praia do Meio, Praia do Forte, além de visita ao centro da cidade através de um *city tour* duvidoso, que será analisado a seguir).

Quando se compara a prática de lazer de sol & mar turística com a local (da classe popular), mais uma vez o que se encontra é uma grande distinção: se, de um lado, se apresenta uma série de opções de lugares e atividades recreativas que se desenvolvem entre iguais – turistas - de outro, se observa uma população ilhada em uma pequena área. A Praia da Redinha é reconhecida como popular porque “*aceita*” a classe pobre, que ao chegar, se diverte em grandes grupos, no consumo de aperitivos e alimentos comprados ou trazidos (em marmitas), nos banhos de mar (crianças, casais, idosos – Figura 5) e com música (axé, forró, brega, eletrônico).

- O popular é muito popular. (...) São coisas que não se pode perder, aquele senhor sentado na areia todo esparramado, a água batendo pra lá e pra cá. Aquilo ali é a vida dele, é o piscinão do Rio. (Figura 6) Tem um casal na areia da praia, todo romântico, rodeado de criança correndo, uma agonia, mas eles não estão nem aí, é a hora deles serem românticos. (Carlos Tourinho em entrevista, 19/02/2011).

Figura 5 – Idoso tomando banho de sol e mar



Fonte: Documentário Redinha Arredia, 2007.

Ao se reconhecer que as práticas de lazer também refletem a segregação entre visitantes e visitados, vê-se que a parte com melhor infraestrutura e opções de lazer, entre outros itens, está mais presente na área turística, sendo isto reflexo principalmente dos investimentos privados, embora os públicos também contribuam para o estado da coisa. Estes últimos, como seria esperado, deveriam priorizar a população periférica - historicamente carente em tudo, inclusive nas opções e na qualidade do seu lazer. Como se sabe:

As ofertas de lazer por parte dos órgãos públicos devem ser justas, isto é, trabalhar na perspectiva da educação para e pelo lazer, CONTEMPLAR A TODOS, dando prioridade às classes mais carentes. Para isso, devem ser ricas, equilibradas e diversificadas: em conteúdos culturais (social, turístico, artístico, físico-esportivo, intelectual e manual), nos gêneros e nos níveis. Portanto, as ações governamentais devem ir na direção oposta à lógica do lucro (turismo, por exemplo) e à comercialização do divertimento e da alegria: a direção da humanização da solidariedade, (...) da participação de todos, entre outros valores. (CÂNDIDO, 2008, p. 505)

Porém, o que se observa no histórico de investimentos recentes é uma política de urbanização com destaque para pequeno calçadão, trapiche, quiosques já sem manutenção, e ações pontuais de restauro do Mercado da Redinha, indicando uma frouxa manutenção do edificado, como também pela falta de ações educativas de preservação dos bens tanto com o público residente, como também o convite e apoio das agências de viagem.

As obras que foram de fato importantes para essa faixa litorânea. Todavia, não alavancaram claramente a qualidade da experiência de lazer (turístico ou local) no lugar - não contemplando ciclovia ou bicicletário, posto guarda-vidas, embarcações para passeio, entre outras opções de lazer que deveriam estar nos projetos urbanísticos e socioespaciais.

2.4. No chão do bloco ou no Camarote? - Atividades culturais

Sentimento de Patrimônio é o ato de valorizar, resgatar e interpretar (...) sua cultura e sua história, estimulando a comunidade a transformar a si, o ambiente e seu futuro. Este sentimento é mediado pela sensibilidade de identificar áreas esquecidas das grandes e pequenas cidades (...) Pela

percepção das subjetividades daqueles que habitam os não-lugares cujo crescimento desordenado contribui para a exclusão social. (FARIAS, 2002, citado em CORIOLANO & SILVA, 2005, p. 28)

Durante o documentário, surge ainda um dos ícones da cultura popular de Natal - os foliões do *Bloco dos Cão* (Figura 6), bloco dos mais tradicionais e irreverentes do Carnaval Potiguar. Criado há mais de 50 anos pelo pescador José Gabriel (Zé Lambreta), o grupo carnavalesco que apenas desfila na praia, é conhecido pela aparência pitoresca de suas centenas de foliões, que surgem totalmente cobertos de lama negra (daí seu nome – demônios) do manguê que fica próximo à praia.

- Começou há muitos anos com três pescadores, que lisos (sem dinheiro), não tinham como brincar... daí inventaram isso aí dos cão, né?! Quem deu o nome foi a própria população. O pessoal ia passando sujo de lama aí diziam: os cão!!! Correndo todo mundo. (Comerciante depoente do documentário)

Figura 6 – Foliões do *Bloco do Cão* durante o Carnaval



Fonte: Documentário Redinha Arredia, 2007.

Ao se observar essa festividade carnavalesca, torna-se inevitável perceber elementos ali presentes que remetem a ícones do Carnaval ainda do Período Medieval, tão bem traduzido pelas obras literárias de François Rabelais, que até hoje são fontes de elucidação de aspectos culturais, morais e sociais desse Período.

No vídeo aparece descrito não apenas *Os Cão*, mas outros blocos emblemáticos, como o *BaiaCu na Vara*, que juntos ressaltam a imagem do diabo e a irreverência do Período Medieval - não indicando apenas o mal - mas também a libertação – mesmo que momentânea – da opressão social do Estado e, na época, da Igreja Católica.

Nas diabruras dos mistérios da idade média, nas visões cômicas de além-túmulo, nas lendas paródicas, o diabo é um alegre porta-voz ambivalente das opiniões não-oficiais, da santidade ao avesso (...) as vezes o diabo e o inferno são descritos como meros “espantalhos alegres” (BAKHTIN, 1993, p. 36).

E essa representação sociocultural do *diabo medieval* encontrada no documentário

pauta seu humor a partir do fim da distinção de classes (apesar de os participantes normalmente pertencerem à mesma classe) – todos estão na lama (conotação de pobreza); do poder sob o comando do *diabo* (povo, liberdade, não-coerção) e da paródia aos rituais legais e civis, em que se clama pela ordem e pela deferência. Seriedade esta quebrada também por outros ritos semelhantes aos da tradição do chamado Período das Trevas: eleição de Bufões, Bobos, Reis Momos, Rainhas de Carnaval (paródia com o poder do Estado e brincadeiras com os hábitos desregrados da Elite), tomada de poder pela Classe Popular, e valorização da sexualidade nas “*curvas*” da musa do Carnaval.

Pode-se destacar também o lado religioso dos que vivem na Redinha. As imagens do documentário se concentram também na Procissão de N. Senhora dos Navegantes (Padroeira dos Pescadores), que reúne no mês de Janeiro devotos em frente à igreja, construída nos anos de 1950 com pedras retiradas da Praia de Jenipabu (Extremoz – RN). Além disso, foca-se a Capela dos Pescadores (erguida em 1922) que é aberta apenas durante a procissão.

- A capela, a igreja dos pescadores fundou o sentimento de fé na vila. E não poderia deixar de ser, pela tradição portuguesa e nordestina (...) foi dedicada a Nossa Senhora dos Navegantes. (Jornalista e escritor depoente do documentário).

A festa não se concentra em torno apenas do sagrado (pagamento de promessas, pedidos de cura), mas também nos interesses de legitimação “cultural e socioeconômica” (BASTOS, 2007, p. 8). Essa manifestação religiosa atrai o homem simples da região e de outros bairros periféricos para o exercício da fé, como também para reencontrar amigos, trabalhar de vendedor de alimentos e bebidas, de produtos religiosos ou simplesmente como “*flanelinha*”.

Diante do sagrado e do profano observado na cultura popular da Praia da Redinha, percebe-se aqui o isolamento de toda atividade cultural ante o setor turístico de Natal, visto o reduzido fluxo de turistas que sabem e/ou frequentam tais eventos ou mesmo que conhecem tais expressões culturais (não houve qualquer menção ao Carnaval ou a quermesses em vídeos turísticos).

- Eu vejo a Redinha como um mini caldeirão cultural, tem intelectual e popular. Ela tem um carnaval próprio inclusive, com quatro a cinco blocos. (...)Vai encontrar gente bonita, mas a mistura. A Redinha acabou virando um piscinão, veio a ser popular demais, e acabou sendo segregada. Eu acho que as agências, já falei isso, você tem que pegar o ônibus e fazer um passeio na Redinha, ir lá e conhecer o mercado. Tem gente que gosta, e não vai ser roubado. (...) Se você parar e dizer: - Uma hora de praia aqui. O turista vai ter um contato direto com o popular e vai ver que não é aquilo. Se você pegar por exemplo um turista europeu, se levar ele vai gostar. (...) Com relação a cultura, a história, aos hábitos, o governo não se preocupa, não a memória. (Carlos Tourinho em entrevista, 19/02/2011).

Em síntese, o depoimento de Tourinho explicita o estereótipo, a rotulação de *populacho* da Praia, sua segregação até mesmo entre locais, mas principalmente ante o segmento turístico. O visitante não se faz presente nessas festividades ou práticas de lazer de sol & mar na Redinha porque tal produto não é ofertado pelas agências de receptivo nem pelos meios de hospedagem, nem tampouco pelo próprio *marketing* governamental. Este último não insere esses traços da cultura-história local na formulação de seu produto turístico, que se caracteriza pelo reducionista diálogo com o popular, priorizando, em muitos casos, uma cultura elitista ou “*emprestada*”, levando, assim, o visitante a uma experiência turística unicamente de sol & mar, com apenas “*flashes*” de cultura e história.

Mesmo quando se tem contato com expressões culturais/ históricas, o turista se vê envolvido em uma colcha de retalhos mal costurada. O que o visitante encontra é apelo para visitação a pseudo-desertos do Saara e seus dromedários (Praia de Jenipabu – Extremoz); convites para comer pratos cada vez mais internacionalizados (*sushi* de tapioca); dançar capoeira na praia (traço da cultura baiana); comprar artesanatos arbitrariamente industrializados - semelhantes a tudo que é vendido nas outras capitais turísticas do Nordeste Brasileiro.

Os turistas até chegam a conhecer o principal prédio histórico da fundação da cidade de Natal (Fortaleza dos Reis Magos). Alguns chegam mesmo a filmar Natal e a Praia da Redinha, mas de muito longe, o que denota o distanciamento da sua experiência turística. O visitante margeia a cidade pela costa, mas não a adentra, vê-a apenas de fora. E essa condição torna-se ainda mais crítica quando aquilo a que o turista tem acesso é fragmentado e bastante breve, quando não é fidedigno à cultura do destino.

A brevidade pode estar no entendimento do mercado, como coloca Prats (1997, citado em SANTANA, 2009, p. 123), ao descrever a promoção da história e da cultura, pelo planejador turístico, como “ativações patrimoniais”. Em alguns casos, este planejador está muito pouco interessado no conteúdo, na necessidade de aproximação, de valorização do patrimônio. O que ele quer mesmo é a transformação disto em produto, através de uma seleção de elementos e formas de contato que agradem o consumidor.

A principal motivação turística para o destino *Natal*, certamente é o mar e, por isto, os olhos tanto do turista quanto das instituições públicas e privadas se voltam para ele. Mas, na verdade, é a falta de incentivo das instituições em criar e oferecer um produto patrimonial atraente (hoje superficial e desarticulado) o que desmotiva o turista, que já vem à cidade em busca do que em sua própria cidade de origem se disseminou no agenciamento da viagem: “- *É praia que tem lá, é praia que você vai ter.*”

A partir desta perspectiva, o patrimônio histórico da cidade de Natal, quando contado na ótica turística, através dos vídeos feitos pelos visitantes, surpreendentemente é o grande ausente em sua maior parte. Para além da Fortaleza dos Reis Magos, em nada se registra (a não ser o vídeo *Natal – RN, 2013*) o conhecimento de outros prédios ou expressões. Os turistas não registraram contato real com o corredor histórico-cultural (representado pelos bairros da Cidade Alta, da Ribeira e do Alecrim). Isto é provavelmente a revelação de que eles não visitaram essa parte da cidade. Aliás, pode-se sinalizar para a falta de mecanismos públicos e privados que incluíssem um *city-tour*, de modo a possibilitar ao visitante uma referência de Natal não apenas associada ao litoral, que em muitos dos trechos nem está nos limites da própria cidade.

O vídeo *Natal – RN*, o único que apresenta o *city-tour* pelo centro de Natal, poderia representar o contato com a população em seu cotidiano cidadão. Todavia, o registro de passeio pela cidade mostra que os turistas conheceram o Centro durante todo o tempo na perspectiva das janelas do ônibus de Turismo. As imagens mostram-se desfocadas pelo vidro de proteção, registrando apenas parte da fachada de alguns prédios como: Igreja Matriz, Memorial Câmara Cascudo, Palácio Felipe Camarão (Figura 7), Capitania das Artes. Isto faz crer que possivelmente os turistas nem desceram do veículo e que o momento que poderia ser de “*encontro*” tornou-se apenas de contemplação da paisagem pela janela.

Figura 7 – Palácio Felipe Camarão fotografado da janela de um ônibus de Turismo



Fonte: Vídeo *Natal – RN*, 2013.

3. Considerações Finais:

Nesse estudo é perceptível segregação em praticamente todas as análises comparativas de representação do lazer de turistas e residentes em Natal – RN. Até as mais espontâneas escolhas de trilha sonora que serviam de fundo dos vídeos – sejam turísticos, seja o documentário residente – denotavam essa distinção nos hábitos, nas escolhas.

À medida que o vídeo documental elege uma canção de praieira de autoria local – essa que descreve bem o *habitus* dos populares da Praia da Redinha, canções internacionais que expressam globalização, diversão e modernidade (*Beautiful Day* – banda U2, *Living on a Prayer* – banda Madonna) emolduram a narrativa dos registros filmográficos dos turistas que visitam Natal – suas músicas pouco dialogam com a realidade local.

Esse movimento, ora regional, ora global, característico da condição pós-moderna de pressões (Turismo) e resistências (autóctones) sintetizam claramente a comparação aqui realizada. Para além disso, o cenário popular da Redinha (vibrante, com crianças correndo, famílias e amigos embalados pela música alta, mulheres expostas ao sol – mas também com sérios problemas de urbanização e abandono) revela a realidade de um grupo à margem dos benefícios infraestruturais e de sociabilização que o turismo trouxe para cidade e que se concentrou no poder do capital da Praia de Ponta Negra (principalmente) e algumas outras praias do extenso litoral do RN.

Em contrapartida à Redinha, os vídeos de viagem à “*Cidade do Sol*” destacam turistas (quase sempre) acompanhados de outros alegres turistas – antigos amigos ou que se conheceram no próprio destino. Nesses registros, o residente ganha poucas vezes visibilidade, sendo figurante em um enredo que sua condição é normalmente de trabalhador do turismo – representando aqui a síntese dessa segregação, o isolamento em pares – turistas de um lado, residentes de outro.

Conclui-se este texto levantando a pergunta que o motivou: “- E esses turistas que aparecem nos vídeos conheceram realmente Natal?” A quem tenha dúvidas. Certamente falta um alerta maior do/para o poder público e privado natalense. É preciso que a capital potiguar valorize ações que já são comuns em outros destinos ao redor do mundo. Esses que implantaram propostas que tornaram os autóctones – antes atores passivos desta novela – personagens vivos e ativos da cena turística, seja na condição de sujeitos participativos nas decisões, seja no uso livre dos espaços de lazer da cidade.

Referências

- BAKHTIN, M. M. **A cultura popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto de François Rabelais**. Tradução de Yara F. Vieira. São Paulo: Hicitec, 1993.
- BASTOS, M. **Religiosidade, turismo e cultura na região do Seridó – RN**. XIII Congresso Brasileiro de Sociologia. Recife: UFPE, 2007.
- BAUMAN, Z. **Confiança e medo na cidade**. Tradução de Eliana Aguiar. Rio de Janeiro: Zahar, 2009.
- BAUMAN, Z. **Globalização: as consequências humanas**. Tradução de Marcus Penchel. Rio de Janeiro: Zahar, 1999.
- BAUMAN, Z. **O mal-estar da pós-modernidade**. Tradução de Mauro Gama. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.
- BOURDIEU, P. **Coisas Ditas**. Tradução de Cássia R. da Silveira e Denise M. Pegorim. São Paulo: Brasiliense, 2004.
- CÂNDIDO, D. O lazer em um bairro periférico da cidade de Natal: cidade da esperança. In: VALENÇA, M.; BONATES, M. (Orgs.) **Globalização e marginalidade: o Rio Grande do Norte em foco**. Natal: EDUFRN, 2008.
- CAMARGO, L. Os domínios da hospitalidade. In: DENCKER, A.; BUENO, M. (Orgs.) **Hospitalidade: Cenários e oportunidades**. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2003.
- CLEMENTINO, M. L. M. Políticas públicas e promoção econômica das cidades. In: VALENÇA, M. M; GOMES, R. C. C. (Orgs.) **Globalização & desigualdade**. Natal: A. S. Editores, 2002.
- CORIOLOANO, L. N. M. T; SILVA, S. C. Bandeira de M. **Turismo e geografia: abordagens críticas**. Fortaleza: EdUECE, 2005.
- COSTA, M. B. e V. **As Paisagens urbanas e o imaginário fílmico**. IN: COSTA, Maria Helena B. e V. ; VALENÇA, Márcio M. Espaço, cultura e representação (Orgs.). Natal: EDUFRN, 2005.
- CUCHE, D. **A noção de cultura nas ciências sociais**. Tradução de Viviane Ribeiro. 2 ed. São Paulo: Edusc, 1999.
- FERREIRA, A.; SILVA, A. F.; FONSECA, M. P. Dinâmica imobiliária, turismo e meio ambiente: novos cenários metropolitanos. In: CLEMENTINO, M. L.; PESSOA, Z. (Orgs.) **Natal: uma metrópole em formação**. Natal: EDUC, 2009.
- FERREIRA, A.; SILVA, A. Para além do muro alto: “turismo imobiliário” e novas configurações socioespaciais na região metropolitana de Natal. In: VALENÇA, M.; BONATES, M. (Orgs.) **Globalização e marginalidade: o Rio Grande do Norte em foco**. Natal: EDUFRN, 2008.
- FRANÇA, A. Paisagens fronteiriças no cinema contemporâneo. **Alceu** - v.2 - n.4, 2007, p. 61-75.
- FUNDAÇÃO INSTITUTO DE PESQUISAS ESTATÍSTICAS. **Caracterização e Dimensionamento do Turismo Doméstico no Brasil**. São Paulo, Fipe, 2012.
- GRINOVER, L. A hospitalidade urbana: acessibilidade, legibilidade e identidade. **Revista**

Hospitalidade, v. 2 - n. 2, 2006, p. 29-50.

GUIRRIEC, P. Segregação e mixité socioespacial: conceitos e realidade na França. **Revista Vivência**. n. 34, 2008, p. 29-37.

HOBSBAWN, E. **A invenção das tradições**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2007.

LARAIA, R. B. **Cultura**: um conceito antropológico. 2ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.

REDINHA arredia, produzido por Carlos Tourinho. Natal: ITEC, 2007. 1 DVD (10min): som; col.; s/ legenda; português.

SILVA, M. **Segregação socioespacial e turismo: estudo da representação fílmica de Natal- RN criada pelos turistas e residentes**. 182 f. Dissertação de Mestrado, UFRN – PPGTUR, Natal, RN, 2011.

SANTANA, A. **Antropologia do turismo**: analogias, encontros e relações. Tradução de Eleonora Barreto. São Paulo: Aleph, 2009.

VALENÇA, M.; BONATES, M. Globalização e marginalidade: o Rio Grande do Norte em foco – uma apresentação. In: VALENÇA, M.; BONATES, M. (Orgs.) **Globalização e marginalidade**: o Rio Grande do Norte em foco. Natal: EDUFRN, 2008.

“Each one on your square”: Evidence of socio-spatial segregation (tourists and residents) in coastal leisure in Natal – RN.

Abstract

All societies manifests in small or large scale relations of segregation, where people sometimes are not, or don't feel part or welcome in someplace - not fitting into the cognitive map, moral or aesthetic. This research, understanding this kind of problem, speak about socio-spatial segregation in leisure practices on the urban beaches of Natal. Studying the perspective of tourists and residents, the article reflect about conditions of access to coastal recreation in this touristic city, understanding the dissimilarity between the city of Natal and "Sun City" (the touristic nick name), using videos produced by residents and tourists. This research realized a comparative content analysis of the realities of these two subjects, finding an apartheid - invisible wall that separates the tourist leisure (structured and distant) in the comfortable public and private spaces on the beaches, of the burning sands of the popular beaches, places to poor classes (excluded) with their habitus (Bourdieu) - with detachable cultural elements, but invisible to the tourist promotion. This article finishes showing the co-existence of two disparate realities, reflex of a recurring problem in administration of Brazilian coastal destinations.

keywords: *Tourism. Leisure. Segregation. Natal-RN.*

Artigo recebido em 29/01/2016. Aceito para publicação em 26/03//2016